

APRESENTAÇÃO

Nesta edição dos Cadernos Pet-Filosofia, da Universidade Federal do Paraná, apresentamos a vocês os artigos escritos por discentes e ex-discentes da graduação e pós-graduação em Filosofia, frutos do I Ciclo de Seminários do Projeto Filósofas UFPR. O Projeto, nascido com o intento de desenvolver a escrita e a prática da apresentação filosóficas entre as discentes da instituição, tem por objetivo reparar uma desigualdade que se repete em todo o meio acadêmico no que diz respeito à publicização de trabalhos das mulheres filósofas do país.

O ano de 2020 será lembrado na história pela irrupção da pandemia do coronavírus. As vulnerabilidades presentes em nossas sociedades, mundo afora, antes tão bem maquiadas, foram descortinadas sob uma luz de desigualdades sociais tão intensas que não tivemos outra alternativa além de encará-las. Nesse cenário, aqueles que puderam, abrigaram-se em seus lares, desenvolveram seus trabalhos remotamente, acumularam seus serviços domésticos aos serviços profissionais, cuidados com filhos e filhas de forma integral, entre outras coisas.

Em meio a toda essa nova demanda, a essa nova estruturação da rotina, as mulheres foram as que mais se sobrecregaram¹. Estatisticamente falando, em 2019 as mulheres “brasileiras ocupadas [formalmente] dedicaram em média 8,1 horas semanais a mais às atividades de afazeres e/ou cuidados que os homens ocupados [formalmente]”². Durante a pandemia esse número que já não era pequeno, cresceu exponencialmente. Segundo a pesquisa Sem parar: O trabalho e a vidas mulheres durante a pandemia, realizada e publicada pela Sempreviva Organização Feminista, metade das mulheres brasileiras passou a cuidar de alguém durante a

1 Dados recentes apontam um aumento de 22% nos casos de feminicídio no Brasil, segundo levantamento do Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP), entre os meses de março e abril. Já a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD Contínua), realizada pelo IBGE, aponta que cerca de 7 milhões de mulheres deixaram seus postos de trabalho no início da pandemia, 2 milhões a mais do que o número de homens na mesma situação. Disponível em: <https://www.unicamp.br/unicamp/index.php/noticias/2020/08/19/pandemia-impacta-mais-vida-das-mulheres>.

2 https://www.onumulheres.org.br/wp-content/uploads/2020/12/COVID19_2020_informe2.pdf.

pandemia (filhos, idosos, pessoas com deficiência ou outras crianças). Dessas, 42% não têm apoio externo, como profissionais, instituições ou vizinhos. Entre as mães, metade (49%) afirmou que aumentou a necessidade de auxiliar os filhos de até 12 anos nas atividades educacionais on-line³.

Além disto, “dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) mostram que as mulheres gastam quase o dobro de tempo em afazeres domésticos que os homens, predominância que não muda mesmo quando são comparados perfis de gênero em ocupações similares”⁴.

Alinhar suas antigas funções às novas fez com que as pesquisadoras brasileiras praticamente abandonassem suas pesquisas. De acordo com a Dados, revista de Ciências Sociais do Instituto de Estudos Sociais e Políticos (IESP) da Universidade Estadual do Rio de Janeiro, num levantamento feito entre os anos de 2016 e 2020.1, encontrou-se o seguinte quadro: “do total de textos submetidos, 40,8% têm participação de mulheres em autoria, contra 59,2% de homens. No entanto, há uma relevante variação entre 2016 e 2019, com o percentual de mulheres oscilando entre 36% e 55% por trimestre”⁵. O próximo dado nos remete ao período pandêmico: “mesmo que o ano de 2020 tenha começado com a submissão de 40% de autoras, patamar próximo à média, tivemos neste segundo trimestre o menor patamar do período analisado, com apenas 28% de autoras assinando os artigos submetidos”⁶. A queda é brusca e isso reflete de forma muito negativa no próprio ambiente acadêmico. Tem-se uma parcela significativa de discentes que não conseguem avançar em seus estudos por estarem sufocadas com demandas externas a eles. São mulheres que simplesmente não conseguem dizer o que de fato pensam, estudam e pesquisam.

3 <http://www.generonumero.media/metade-mulheres-passou-cuidar-pandemia/>.

4 <http://dados.iesp.uerj.br/pandemia-reduz-submissões-de-mulheres/>.

5 Idem, ibidem.

6 Idem, ibidem.

Quando aplicados ao campo filosófico em particular, tais números pandêmicos sejam talvez ainda mais alarmantes. Em artigo publicado na Revista Cadernos de Filosofia Alemã (USP), Carolina Araújo expõe os resultados de sua pesquisa que versa sobre a desigualdade enfrentada pelas mulheres no âmbito acadêmico da Filosofia no Brasil entre os anos de 2004 e 2017⁷. Mesmo em um período pré-pandêmico, a filósofa nos mostra que, apesar da população brasileira ser de maioria feminina (51,04% - IBGE 2010) e das mulheres serem maioria também na porcentagem de pessoas com ensino superior no Brasil com 25 anos ou mais (12,5% em comparação a 9,9% dos homens), elas ainda figuram como minoria percentual no que tange à carreira acadêmica filosófica, tornando-se esta porcentagem cada vez menor à medida em que avançam em suas carreiras.

Eis alguns dos dados fornecidos por Araújo: dos ingressantes nos cursos de graduação em Filosofia por todo o Brasil no período delimitado pela pesquisadora, a média de mulheres foi de 36,44%. Para a análise do seguimento das carreiras acadêmicas, também nos são fornecidos os dados de cada PPG: a média geral de discentes matriculadas em curso de mestrado em Filosofia no Brasil foi de 30% e, da UFPR, de 33,35%. É possível analisar uma queda brusca ao se observar o ingresso nos cursos de doutorado no país, do qual as discentes representam apenas 26,98% e, na UFPR, apenas 12,69%. Por fim, das mulheres que conseguem chegar ao topo da carreira acadêmica na Filosofia no Brasil, isto é, as que estão vinculadas como docentes nos programas de pós-graduação, temos uma porcentagem de 20,14% e, na UFPR, 20,34%. A pesquisa conclui que, além dos homens desfrutarem de 2,3 mais chances de chegarem ao topo de suas carreiras em comparação às mulheres, ainda parece haver uma tendência no aumento de tal desigualdade.

Apesar das diferenças numéricas demonstradas pela pesquisadora serem alarmantes, não foram identificados padrões relacionados às notas CAPES dos PPGs

⁷ ARAÚJO, C. Quatorze anos de desigualdade: mulheres na carreira acadêmica de Filosofia no Brasil entre 2004 e 2017. *Cadernos de Filosofia Alemã: Crítica e Modernidade*, v. 24, n. 1, p. 13–33, 2019.

nem relações com questões geográficas que justifiquem este cenário. Os dados analisados também não consideram recortes de raça, de classe social e de identidade de gênero, o que certamente nos levaria a números ainda mais desiguais. Algumas das possíveis causas trazidas por Nádia Junqueira Ribeiro em artigo à Carta Capital (2020)⁸ é a do ambiente por vezes hostil encontrado pelas mulheres no âmbito acadêmico filosófico, onde há um reflexo do machismo estrutural que permeia (não só) a sociedade brasileira. Aliado a isso, existe a falta ou baixa representatividade, uma vez que as mulheres não se veem refletidas nos lugares de poder das estruturas acadêmicas na Filosofia, acabando por vezes desencorajadas a trilharem um caminho em que já partem de um lugar desfavorável.

Mas, como se sabe, para que haja sombras é necessário que haja luz, e 2020 não pode ser apenas lembrado como o ano da pandemia. Nesse ano de aspecto saturnino foi desenvolvido, por parte da Rede Brasileira de Mulheres Filósofas em parceria com a ANPOF, o Prêmio Filósofas, que visa reconhecer e premiar trabalhos de dissertação de Mestrado e tese de Doutorado de mulheres dos cursos de Filosofia em todo o país. Uma iniciativa importante, mas que sozinha não irá promover o combate à desigualdade de oportunidades e publicização dos trabalhos das mulheres filósofas.

Sob esse impacto, foi criado o Projeto Filósofas UFPR, para que nossas discentes tenham um lugar de escuta e acolhimento, incentivo e disponibilidade de autoras e leitoras que desejem trocar experiências e cuidados, um tipo de fortalecimento que as mulheres desde sempre souberam cultivar, e aqui tem seu primeiro fruto colhido. Essa edição reúne os artigos resultantes do I Ciclo de Seminários Filósofas UFPR, cuja ocorrência se deu online entre os dias 09 de outubro a 27 de novembro: “Uma pincelada sobre o lugar da amizade nos Ensaios de Montaigne” de Ana Carolina Mondini, “Mu-dança: estudos do corpo na filosofia através da

⁸ RIBEIRO, Nádia Junqueira. O (restrito) lugar da mulher na Filosofia no Brasil. **Carta Capital**. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/opiniao/o-restrito-lugar-da-mulher-na-filosofia-no-brasil/>. Acesso em 23 de setembro de 2020.

dança” de Fernanda Dechatnek, “O pós-modernismo crítico pluralista, o modernismo e a minimal art: um debate em perspectiva” de Larissa Ferreira da Costa, “Dilatar o tempo, criar espaços: alianças afetivas para adiar o fim do mundo” de Letícia Mendes Soares e “Nova Academia: ceticismo ou dogmatismo negativo”, de Nailane Koloski. A presente edição também conta com o ensaio de Camila Sant’Ana Ferraz Milek, “O caso das Artes, Filosofia e Sociologia no Paraná: Colocando o fim da educação em prática”, além de conter a entrevista intitulada “O Projeto Filósofas UFPR entrevista as ganhadoras do Prêmio Filósofas 2020”, conduzida pelas editoras que vos falam com as ganhadoras do Prêmio Filósofas 2020, Kamila Babiuki (Melhor Dissertação) e Cassiana Stephan (Melhor Tese), ambas também discentes da UFPR.

Com os votos de que esta seja a primeira de muitas edições e ações visando o fortalecimento das produções filosóficas das mulheres brasileiras, desejamos às leitoras e aos leitores um ótimo passeio pelas reflexões e considerações de nossas tão estimadas colegas discentes.

Bárbara Canto & Izis Tomass